artigo] ANA NEUZA BOTELHO VIDELA

Atuação na joalheria contemporânea

Contemporary jewelry activities

[ANA NEUZA BOTELHO VIDELA]
Doutorado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com período sanduíche no departamento de Antropologia da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), na Cidade do México; professora adjunta do curso de Design da Universidade Federal do Cariri (UFCA).
E-mail: ana.videla@ufca.edu.br

[resumo] A proposta deste artigo é apresentar a joalheria contemporânea, segmento do campo profissional da joalheria, por meio da atuação de um coletivo de artistas joalheiros mexicanos denominado "Sin Título". A aproximação que eles fazem com as artes visuais se opera pela produção de trabalhos mais experimentais, os quais podem ter a intenção de problematizar a ornamentação corporal ou a linguagem da joalheria. Do ponto de vista metodológico, foi utilizada a etnografia para observar a maneira como o coletivo realiza seus projetos e como os artistas joalheiros se reconhecem e se autodenominam, além de identificar os aspectos que condicionam a atuação dos produtores na busca para se aproximar dos paradigmas da arte contemporânea.

[palavras-chave] joalheria contemporânea; ativismo; antropologia.

[abstract] The purpose of this paper is to present the contemporary jewelry, professional field of the jewelry segment, through the action of a collective of Mexican jewelers artists, whose name is "Sin Título" (Untitle). The approach they do with the visual arts operates the production of more experimental works, which may be intended to problematize the body ornamentation or the language of jewelry. From a methodological point of view, ethnography was used to observe how the collective performs their projects and how jewelers artists recognize and call themselves, and identify aspects that affect the activities of producers in their search for approaching paradigms of contemporary art.

[keywords] contemporary jewelry; activism; anthropology.

Introdução

Neste artigo, apresento parte do material coletado sobre joalheria contemporânea, segmento do campo da joalheria, integrante da pesquisa realizada para tese de doutorado (VIDELA, 2016). Historicamente, a joalheria contemporânea busca problematizar os aspectos constitutivos do campo, trazendo conceitos a partir do envolvimento com a linguagem da joalheria, tais como luxo, preciosidade, materiais, técnicas, tipologia adotada e ornamentação. Esse material foi obtido através da incursão a campo durante o estágio doutoral na Cidade do México, que teve duração de sete meses, em 2015. Portanto, além da experiência acadêmica no departamento de Antropologia da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), pude acompanhar o trabalho desenvolvido pelo coletivo[1] de artistas joalheiros mexicanos "Sin Título", pelo método de pesquisa etnográfica. Ao focar na arte joalheria ou na joalheria contemporânea, denominações que se equivalem e são adotadas de modo intercambiáveis, a intenção foi conhecer, a partir de suas práticas, a maneira como o "Sin Título" realiza os seus projetos, como se reconhecem e se autodenominam, além de identificar as circunstâncias que os aproximam dos paradigmas da arte contemporânea.

Vale ressaltar que a ideia deste estudo não foi encontrar um modelo único de atuação, mas seguir os próprios atores e, dessa forma, entender suas inovações. Se for correto afirmar que a teoria do ator-rede (TAR), como assegura o antropólogo Bruno Latour, funciona melhor para o que ainda não foi agregado, ela pode auxiliar na compreensão desse segmento da joalheria no Brasil e no México, onde as condições de produção da joalheria contemporânea se assemelham.

O contato com os informantes no exterior ocorreu a partir de duas fontes diferentes, as quais me chamaram atenção para o que estava acontecendo em termos de joalheria contemporânea no México. A primeira fonte foi um repost[2] publicado por uma joalheira inglesa, Jo Pond, no seu perfil do Instagram, em abril de 2014. O post original era de um perfil chamado *The jewellery activist*. Esse nome, relacionado a um ativismo na joalheria, me chamou muita atenção, de tal modo que, com uma busca, acabei chegando ao nome de Holinka Escudero e à sua rede de comunicação, a qual compreende uma conta no Instagram, uma página no Facebook e um blog (http://holinkaescudero.com/blog/). Esses são os meios que Holinka utiliza para apresentar a joalheria contemporânea, tanto o coletivo do qual faz parte, o "Sin Título", quanto os vários eventos relacionados a essa categoria por todo o mundo. Mas, como a própria Holinka explica, ela precisava de um nome que se diferenciasse dela

mesma, um nome para comunicar a joalheria contemporânea. E foi a partir dessa busca que surgiu o título *The jewellery activist*, o qual identifica o site www.thejewelleryactivist.com e o broche (Figura 1).

Figura 1 – Broche The jewellery activist, Holinka Escudero, 2015. **Fonte:** Adaptado de http://www.thejewelleryactivist.com/.

> Es lo que te digo: con mi blog, primero estaba conectada con la página de mí trabajo comerciales, entonces el blog era conocido como Holinka Escudero. Después eso no me decía nada, era como Yo, no era eso. Después era ¿o que significa joyería contemporánea? Tampoco me checaba y después de mucho tiempo me concedí el título de "*the jewellery activist*". Llegó el momento en que me pregunté, ¿que estoy haciendo? Todo el día, todos los días estoy detrás del monitor viendo joyería, entonces me di cuenta de que la manera en la que me desenvolvía era la manera de un activista. No un activismo heroico, pero la joyería es mí causa y mi convicción[3]. (Entrevista com Holinka Escudero concedida no dia 30 de janeiro de 2015)

A outra fonte foi um artigo de Kevin Murray publicado no site www.artjewelryforum.org, *"Keeping the faith with contemporary jewelry*, no qual ele analisa o surgimento do coletivo de artistas joalheiros mexicanos, "Sin Título", e também do coletivo taiwanês Mano MànMàn. De acordo com o autor, a formação dos coletivos foi uma maneira que os joalheiros encontraram para driblar as dificuldades com as quais se deparam tanto no México quanto em Taiwan, visto que em ambos os contextos, diferentemente do europeu, não encontram espaços de exposição ou colecionadores. Dessa forma, esses atores resolveram se unir para enfrentar tais dificuldades e buscar novas abordagens para atuar na joalheria de arte. Ou seja, a partir de outras formas de atuação, encontrariam caminhos para apresentar a produção da joalheria contemporânea.

Mesmo antes de ir ao México, pude observar, no artigo de Murray e no blog da Holinka, que o cenário mexicano da arte joalheria tinha muitas semelhanças com o que acontecia no Brasil. De forma que, se a análise de Murray estivesse correta, me interessava conhecer esse trabalho coletivo que sinalizava para um novo caminho na produção da arte joalheria.

"Sin Título"

O meu primeiro contato com o coletivo "Sin Título" ocorreu através de um encontro com Holinka Escudero no dia 30 de janeiro, a quem fui apresentada pela curadora Valeria Vallarta no fim de 2014, antes mesmo de chegar ao México. A reunião com o restante dos membros aconteceu cerca de 15 dias depois. Valeria é muito respeitada por sua atuação na joalheria contemporânea, pois, além do trabalho como curadora, dirige a fundação Otro Diseño, cujo objetivo é dar oportunidade para os designers e artistas latino-americanos no mercado internacional. Entre os projetos desenvolvidos pela fundação, destaco o Taller Viajero, que buscava disseminar a linguagem da joalheria contemporânea entre o público interessado e residente no México, frequentado também pelos membros do "Sin Título".

No início de 2015, o "Sin Título" estava no processo de implantação do seu primeiro espaço físico, motivo que impediu o meu acesso às suas reuniões. Entretanto, passado esse primeiro momento, pude acompanhar a reedição dos seus projetos, desta feita, no novo espaço físico do coletivo. Entre os trabalhos, ressalto o La Chiclera (Figura 2), cujo funcionamento é exatamente o mesmo do equipamento utilizado para a venda de chicletes; ou seja, nesse caso, eles adotaram uma moeda de 10 pesos mexicanos para ser introduzida na ranhura destinada ao pagamento. Em seguida, giramos a manivela e, de forma aleatória, somos surpreendidos com uma peça dentro de uma esfera de plástico, que pode ser um colar, um anel ou um broche. Nesse projeto, ressalto alguns aspectos: primeiro, há uma ampliação da concepção corrente do que é joia, já que nele, a joia permite ser produzida com diversos materiais, além de poder ser vendida em qualquer lugar, basta transportar o equipamento, prescindindo do espaço específico de uma joalheria. Outro aspecto é a forma de comercialização, já que deslocaram um equipamento comumente usado para vender produtos infantis, doces e chicletes, para joias, associadas ao consumo de luxo, no qual a venda requer um atendimento especial. Ou seja, uma forma de comercialização oposta à venda aleatória proposta no projeto La Chiclera. Nesse sentido, o trabalho tinha a intenção de ampliar o público consumidor de joalheria contemporânea na medida em que oferece um produto com um preço popular e, ao mesmo tempo, apresenta e divulga, por meio de uma proposta lúdica, o segmento da joalheria contemporânea.

Outro projeto, San Título, faz um jogo com a palavra *san*, *santo*, em espanhol, e o nome do coletivo, "Sin Título". A ideia do trabalho teve como origem a dificuldade que os joalheiros enfrentam a fim de realizar seus projetos. Como a sociedade mexicana vive sob uma forte tradição católica, na qual há santos para todas as causas, o coletivo decidiu que seus membros também precisavam criar o santo do joalheiro contemporâneo. Ao santo, os membros do coletivo pedem fé na disciplina e força para continuarem o trabalho como joalheiros. Nesse caso, eles chamam atenção para a necessidade da fé para

atuar como joalheiros contemporâneos, uma vez que, para conseguir ultrapassar todos os obstáculos de formação, exposição e comercialização com os quais se deparam, necessitam contar com a força divina. Nas palavras de Alberto Dávila, um dos membros do coletivo, "en México, dedicarse a la joyería contemporánea es un ato de fé" (entrevista concedida por Alberto Dávila, realizada em 8 abril de 2015). Esse trabalho originou um vídeo, o qual foi apresentado no simpósio de joalheria contemporânea En Construcción II4, em setembro de 2015.

Figura 2 – La Chiclera, Sin Título, 2012**. Fonte:** Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada.

Nas ações que acompanhei do "Sin Título", havia uma nítida preocupação em formar o público e posicionar a joalheria contemporânea por meio da diferenciação dos outros segmentos que compõem a joalheria. Em um desses encontros, o grupo convidou a professora Daniela Rivera[5] para realizar uma palestra sobre a sua experiência em joalheria contemporânea, que aconteceu no dia 26 de junho de 2015, no Estúdio "Sin Título", que fica no Barrio Alameda, na Cidade do México. A ideia do coletivo, ao promover esses eventos, era apresentar e divulgar o próprio segmento da joalheria contemporânea. Para isso, formaram uma agenda de eventos para movimentar o Estúdio, sendo as palestras um importante momento de discussão e formação do público.

Em um de seus artigos[6], Bruno Latour (2004) chama atenção para as questões controversas da teoria do ator-rede (TAR) , através de um diálogo imaginário que, segundo ele, foi inspirado em conversas reais. No diálogo, um aluno

do doutorado em Sistema da Informação pede orientação ao professor sobre as possibilidades de usar a TAR em sua pesquisa. Nas respostas, Bruno Latour esclarece como a teoria do ator-rede orienta o analista a conduzir a pesquisa, isto é, norteia-o sobre "como estudar as coisas ou como não estudá-las e, também, como deixar que os atores possam se expressar" (LATOUR, 2004, p. 62). Com isso, propõe que os pesquisadores, em vez de buscar interpretar ou explicar os atores ou o evento, passem, antes, a descrevê-los, deixando-os falarem por conta própria, pois apenas dessa forma é possível acessar as redes que se formam entre atores humanos e não humanos.

Trajetória dos membros do "Sin Título"

Dos sete integrantes que atualmente compõe o coletivo – Holinka Escudero, Fernanda Barba, Cristina Celis, Alberto Dávila, Zinna Rudman, Poleta López e Brenda Farias, os quais só tive a oportunidade de conhecer no dia 30 de abril de 2015, no evento de inauguração do espaço físico do grupo e do lançamento do projeto San Título –, quase todos têm formação em Design.

Portanto, com exceção de Zinna, que tem formação em Conservación y Restauración de Bienes Culturales Muebles, todos estudaram alguma área do Design; assim, Holinka estudou Design Gráfico; Poleta, Design de Moda e Têxtil; e Fernanda, Alberto, Cristina e Brenda fizeram Design de Produto.

De acordo com o depoimento de Holinka, o interesse em se unirem surgiu a partir do simpósio de joalheria contemporânea Walking the gray area, o qual aconteceu na Cidade do México, em 2010. O objetivo central do simpósio era reunir artistas e joalheiros contemporâneos latino-americanos e europeus para que pudessem trocar experiências, ideias, reflexões e imagens relacionadas aos três principais temas: joalheria, mobilidade global e identidade. Após o encontro, com a participação de tantos diferentes artistas joalheiros, vários aspirantes a joalheiros mexicanos se interessaram em criar um movimento local. A princípio, segundo relato de Holinka, eles eram muitos, mas, no início de 2015, ficaram seis (Holinka Escudero, Alberto Dávila, Cristina Celis, Fernanda Barba, Zinna Rudman e Poleta López).

Todos os integrantes relatam algum episódio que despertou o seu interesse pela joalheria. Para Holinka foi a influência de um professor: "Al final de mi carrera tuve un maestro, en toda a extensión de la palabra; diseñador industrial de profesión con una gran trayectoria: diseño textil, automotriz, trabajó en joyería con Gijs Bakker y TANE [marca de uma joalheria mexicana][7]" (Entrevista concedida por Holinka Escudero no dia 30 de janeiro de 2015). Cristina fez graduação na Universidad Nacional Autónoma do México (Unam) e mestrado no Royal College of Arts, ambos em Design. Assim como Alberto, Cristina teve seu primeiro contato com a joalheria em um curso oferecido na universidade (todos estudaram na Unam).

> Hace muchos años me inscribí a un curso básico de joyería en la Universidad [Unam] por mera curiosidad. Al conocer las posibilidades que ofrecía la joyería, participé en talleres y cursos y contraté a un joyero español para enseñar técnicas básicas de

> joyería en mi taller. Después asistí al simposio Gray Area y fue cuando supe de la existencia de ésta otra área maravillosa que ofrece la joyería contemporánea. Desde entonces, no he dejado de buscar, a través de talleres y exposiciones el entender el lenguaje de la joyería contemporánea. Poco a poco me he alejando de la producción en serie, tratando de hacer sentido a través de mis piezas[8]. (Entrevista concedida por Cristina Celis em 26 fevereiro de 2015)

Para Brenda, o seu contato com a joalheria vem desde pequena, pois sua mãe vendia joias. Profissionalmente, seu primeiro trabalho foi em uma empresa joalheira. Zinna se aproximou da joalheria através de Lorena Lazard : "Tomé clases de joyería en el taller de Lorena Lazard durante 8 años. He tomado varios workshops con diferentes maestros como: Tom Miur, Tim McCreight, Diane Falkenhagen, Lori Talcott, Andy Cooperman, Hanna Hedman, Kevin Murray y Jiro Kamata" (Entrevista concedida por Zinna Rudman no dia 26 de fevereiro de 2015). Muitos desses workshops foram oriundos do projeto Taller Viajero, coordenado por Valeria Vallarta, conforme citado anteriormente.

O que se pode destacar na formação dos integrantes do "Sin Título" é que, de alguma maneira, eles já se aproximavam e tinham interesse pela joalheria: ou por causa de um percurso familiar, ou pelo conhecimento do campo por meio de uma disciplina ofertada na universidade, ou ainda porque uma pessoa, um professor ou um amigo lhes apresentou o universo da joalheria. Contudo, foi no simpósio *Walking the gray area*, que ocorreu na Cidade do México, em 2010, que eles vivenciaram o segmento da joalheria como expressão artística. Não desconheciam a existência da joalheria contemporânea, mas o simpósio os aproximou mais intimamente do segmento. Nesse sentido, tem-se dois relatos, respectivamente, o de Alberto e o de Holinka, que esclarecem o início do coletivo e o encontro com a joalheria contemporânea.

> Todo comenzó a raíz del simposio Gray Area, que yo no pude ir; todavía apenas estaba como adentrándome, dándome cuenta que me gustaba la joyería. En eso simposio se unirán muchos joyeros mexicanos, diseñadores, artesanos, empresarios. Como el tema era la joya y se entusiasmaron mucho, como que se dieron cuenta que eso existía, les gustó, se entusiasmarán y se unirán. No inicio éramos más de 20 personas. [...], bueno, ya estaban reunidos, y yo llegué como en los ultimitos allí. Trabajamos alrededor de 2 años, casi. Lo que sucedió era que era demasiadas personas y se volvía muy complexo organizar los trabajos y al final quién le organizaba la chamba, éramos los quién estábamos entusiasmados por el tema. [...] Y al final hubo como una depuración, una selección natural de quién se íbamos resistiendo y después de eses años éramos alrededor de 13, hasta que nos demos cuenta, el grupo actual, que nosotros estábamos haciendo la chamba y que lo que nosotros nos interesaba era lo contemporáneo, no nos interesaba ponernos en bazares o vender comercial, sino irnos para el lado del arte[9]. (Entrevista concedida por Alberto Dávila, realizada em 18 julho de 2015)

No depoimento de Holinka, a ênfase dada foi na importância que os simpósios Walking the gray area (2010) e En Construcción (2012) tiveram para definir o segmento da joalheria contemporânea para eles, que estavam no México e conheciam essa abordagem da joalheria por livros e pela internet. A possibilidade de se reunir, trocar e se conectar com pessoas interessadas pela mesma atividade foi decisiva para promover o surgimento do coletivo de artistas joalheiros mexicanos.

> Con el colectivo vamos a cumplir 3 años. Hace 5 años el simposio del gray area vino a mover conceptos y alborotó muchas cabezas. A partir de ahí fue como darnos cuenta que todo el mundo estaba pasando algo y con nosotros no pasaba nada. O sea, no había una asociación, no nos conocíamos todos. Entonces, a partir de eso se hizo una lista de personas interesadas y se formó un grupo enorme y cada vez entraba mas y mas gente. Pero estábamos confundidos en los objetivos, fue difícil y poco a poco la gente fue desertando. Hasta que quedamos los seis.
> En 2012, fuimos al simposio En Construcción en Argentina; ahí otra vez se movieron cosas que cambiaron en nuestra mente y nació "Sin Título"[10]. (Entrevista concedida por Holinka Escudero no dia 30 de janeiro de 2015)

A partir desses relatos, podemos observar a importância que os simpósios tiveram para o surgimento de uma associação em torno da joalheria contemporânea. Como no México não se encontram as instâncias de formação profissional, nas quais as pessoas interessadas por essa atividade podem discutir as questões relacionadas ao segmento, os simpósios foram responsáveis por promover a descoberta da joalheria de arte.

Nesse sentido, a associação é performativa (LATOUR, 2012), os integrantes do "Sin Título" deram início e se reconhecem como grupo à medida que formaram o coletivo em torno de um objetivo: reunir pessoas em torno de uma atividade que tem a joia como resultado de uma expressão artística. A definição do coletivo também é performativa já que nela encontra-se um esforço para a sua manutenção, assim como para demarcar suas diferenças com outras formas de atuar em joalheria. Esse aspecto de luta para se apresentar e constituir um segmento profissional é também denominado de ativismo por Holinka. De acordo com Latour, o mundo social só pode ser captado quando ocorre alguma mudança, por mais sutil que seja, na qual se opera uma diferença com uma associação mais antiga (idem, 2012). Nesse sentido, o movimento contínuo e performativo do ativismo praticado pelo "Sin Título", implica em precisar ser representado constantemente a fim de se autodefinir.

Portanto, em termos de formação, pode-se identificar algumas semelhanças nas trajetórias dos joalheiros. Os artistas que foram abordados nesta pesquisa são todos autodidatas, tendo como formação em joalheria os cursos técnicos em ateliês de joalheiros ou o próprio trabalho na oficina de ourives[11]. Tanto no México quanto no Brasil inexistem escolas de joalheria com

formação mais longa e estruturada, as quais possam abarcar saberes que façam parte da joalheria, como projeto, processo de design, arte, processos criativos, estudo dos materiais, técnicas, história da joalheria e da arte, apenas para elencar alguns aspectos que envolvem o universo da joalheria. O que se observou na trajetória dos joalheiros foi a aproximação da joalheria da formação técnica em ourivesaria e de cursos livres. Pois, com raras exceções[12], praticamente inexistem laboratórios de joias em cursos de graduação de Design ou de Artes, como os que são encontrados em universidades da Europa e dos Estados Unidos.

Atuação profissional

Apesar dos membros do "Sin Título" se definirem como artistas, ainda que não possuam uma formação específica no campo das artes, esse não foi considerado um aspecto determinante ou que comprometa o desenvolvimento dos projetos. Conforme o depoimento de Cristina Celis, "la fina raya que existe entre las disciplinas creativas, se borra cada día mas[13]" (Entrevista concedida por Cristina Celis no dia 8 de abril de 2015). Ou seja, no entendimento de Cristina, não existe uma diferença substancial entre as disciplinas criativas, tendo como reflexo a dificuldade de delimitar algumas obras de arte, pois certos trabalhos compartilham e tangenciam diversas disciplinas de tal maneira que fica difícil definir se devem ser nomeados de dança, performance ou teatro, por exemplo. Ainda assim, os membros do coletivo distinguem com clareza a sua atuação nas disciplinas Arte e Design.

> La definición que tengo tiene mucho que ver con la educación que recibí como diseñador. Inmediatamente pensando en Diseño voy para soluciones en donde se engloba tanto la estética del objeto, con un objetivo, como su producción, su función, su ergonomía. Me Voy por "parámetros mensurables" de la pieza, portándome en diferentes cantidades, dependiendo de lo que tu diseñas, pero me voy a producción que sea factible de hacer mas de una vez, o a tener soluciones que beneficie al momento de producir la pieza, o a tener modificaciones que beneficie el momento de portar la pieza y siempre con una intención estética. O sea, yo estoy pensando a quien va dirigir esa pieza, quien va usarlo, o cuanto tiene que pesar para costar tanto. Como que ya tengo todo un parámetro relacionado a que cosas tiene que solucionar a pieza que voy a proponer, cuando considero una pieza de joyería mas posicionado por lado del arte, considero que solamente se va hacer una, no digo que sea así, pero case por *default*, pienso que va ser una. No me importa mucho la comodidad o la practicidad de producción, siempre cuando el resultado que yo obtenga sea el elegido, o sea, al mejor el proceso que realizo es tedioso, muy cansado, muy caro, lo que sea, o lento, pero si va haber el resultado que quiero, lo hago. Cosa que como diseñador no consideré varias veces y personalmente y de mayor importancia es la intención. En el diseño tengo la intención de resolver ciertos problemas o de proponer ciertas

> innovaciones y el arte tengo la intención prioritaria de comunicar inquietudes propias. Muchas veces en el diseño se que no estoy diseñando una pieza para mi, se que al mejor sea dirigido a una señora de 60 años, de mucho dinero, o al mejor una niña de 15 años que no le importa la calidad del material, no se, cosas así. Y en el arte pienso en lo que quiero, pienso en mi. En arte la pieza tiene que responder a mi necesidades de expresividades y en diseño tiene que responder las necesidades del usuario[14]. (Trecho da entrevista concedida por Alberto Dávila realizada em 8 abril de 2015)

Portanto, o que de uma forma geral eles destacaram como diferença entre as duas disciplinas, Arte e Design, refere-se às limitações impostas pelo processo de design, as quais estão relacionadas à otimização da produção, ao público para o qual o produto é dirigido, aos recursos financeiros e materiais, enfim, toda sorte de requerimentos aos quais o projeto precisa atender, como nos lembra Alberto. Para Zinna, a escala da produção é determinante para definir a produção em design; assim como a qualidade estética – que, no design, atende a uma função e, na arte, segue o intento de comunicar um conceito – encontra, nos processos e materiais, a materialização da ideia. Fernanda destacou, ainda, que as vendas orientam as criações. Assim, para que a coleção tenha êxito comercial, é preciso impor um freio nos devaneios a fim de torná-la mais vendável.

Holinka acrescenta, ainda, que a arte é uma questão pessoal, mais do que expressar algo a alguém, é uma forma de extrair algo de si mesmo para que as pessoas tirem suas próprias conclusões. Outro enunciado muito recorrente sobre a atuação no campo da arte diz respeito a uma quase necessidade que os artistas têm de expressar suas ideias. Sobre isto, a única diferença entre a joalheria contemporânea e as artes visuais consiste no fato de que a primeira produz produtos para serem portados.

Os membros do coletivo "Sin Título" não veem problema na atuação em arte, apesar de terem tido formação em Design. O que lhes chama atenção é ter que se dividir e exercer atividades nos dois campos. Como não conseguem viver da joalheria contemporânea, todos eles se dedicam a trabalhos relacionados ao design; uns projetam móveis, como Brenda; Fernanda e Alberto trabalham para uma indústria de joias; Zinna trabalha com restauração; Holinka tem uma pequena produção de joias que comercializa em lojas de museus, além de ser *freelance* em design gráfico; Cristina tem um espaço onde dá aula de joalheria e cerâmica. Ou seja, todos precisam ter outra fonte de renda. A dedicação ao segmento da joalheria de arte ocorre por paixão, ou, como diz Canclini (2012), pelo interesse de uma independência pessoal. Porém, sabem que investem em uma área na qual eles não têm perspectiva de resultado imediato. O foco da ação do coletivo recai na apresentação da joalheria contemporânea e, dessa forma, na constituição do público desse segmento.

Conclusão

De acordo com o que observei no trabalho de campo com os artistas joalheiros mexicanos, vários aspectos impactam o desempenho do joalheiro contemporâneo, pois, como inexistem algumas instâncias para a atuação no segmento (a saber, escolas de formação, pontos de comercialização e colecionadores), a solução que esses profissionais encontram para garantir o sustento e permanecerem atuantes na categoria desejada consiste no desempenho de outras atividades dentro e fora do campo. Dessa forma, as reuniões do grupo acontecem em horário alternativo ao do trabalho remunerado, quer dizer, seus membros trabalham no horário comercial, quando é exigido cumpri-lo, e dedicam-se à produção do coletivo à noite e nos fins de semana. Quem tem o horário mais flexível, além de se dedicar às atividades do coletivo à noite, também frequenta a sala que eles têm no centro da Cidade do México. Assim, como a atuação no coletivo "Sin Título" não é remunerada, todos possuem uma fonte de renda proveniente de outras atividades.

Portanto, o trabalho dos membros do "Sin Título" é condicionado por alguns fatores: inicialmente, destaca-se a dificuldade em atuar exclusivamente na própria categoria, conduzindo-os a trabalhar em outras áreas, inclusive em trabalhos temporários ou por projetos; e/ou ainda a necessidade de serem financiados pela família, promovendo um alargamento da permanência na casa dos pais, ou por meio do suporte de um cônjuge, que os permitam trabalhar no que gostam. Além disso, outros aspectos estão interligados à dificuldade de atuação na categoria; de um lado, tem-se a ausência de escolas para essa formação específica, o que os levam a serem autodidatas no fazer joalheria de arte. Mas não é só isso: as escolas, além de formar, provocam uma movimentação em torno da atividade, por isso, nas localidades onde elas se encontram, há uma concentração de pessoas interessadas nas questões que envolvem o objeto de estudo, levando, consequentemente, a um movimento em torno da atividade profissional.

Acrescente-se a isso o desconhecimento do público em geral sobre o segmento e, consequentemente, a carência de instâncias de comercialização do trabalho da joalheria contemporânea; assim como a existência de público consumidor.

Nesse ponto, vale lembrar as observações contidas no artigo de Murray (2014) as quais despertaram a minha curiosidade e motivaram o meu interesse pelo coletivo de artistas joalheiros mexicanos. Em seu artigo, o autor apontou que a atuação do coletivo "Sin Título" fora uma forma de driblar as condições desfavoráveis com as quais os atores se deparavam no México, onde, diferentemente do contexto da Europa, não encontravam instituições de formação, espaços expositivos ou colecionadores. Contudo, ao contrário desse argumento, o que se observou nas performances desses atores foi o ativismo social, o empenho em difundir e desenvolver a joalheria contemporânea no México. O sentido aqui empregado para ativismo refere-se aos novos modos de engajamento político, conduzindo a ação dos joalheiros contemporâneos no esforço em constituir uma categoria. Para isso, promovem eventos e palestras, convidam outros membros como porta-vozes para

produzirem seus depoimentos e, dessa forma, auxiliarem na construção da categoria. Quer dizer, o coletivo de joalheiros mexicanos sabe que o público interessado em joalheria de arte é muito reduzido, por isso, elegeram, como foco de ação, essa forma de ativismo, objetivando expandir sua comunicação a mais pessoas, para, aí sim, poder criar condições de atuação. Portanto, nesse momento, a luta está centrada em instituir a categoria.

Por fim, o interesse em realizar uma incursão etnográfica com os informantes mexicanos foi o de usar o caso internacional para auxiliar na identificação do estágio de autonomia da categoria da joalheria de arte no Brasil, por contraste. Nesse sentido, pude identificar muitas semelhanças entre o universo da joalheria contemporânea mexicana e o cenário que encontramos no Brasil. Aqui, da mesma forma, a ausência de uma série de instâncias desse segmento repercute na resistência que os produtores identificam para o desenvolvimento da atividade.

Recebido em: 26-03-2017
Aprovado em: 08-09-2017

NOTAS

[1] Neste estudo, o termo coletivo é utilizado de duas maneiras. A primeira é em referência ao grupo de artistas joalheiros denominado Sin Título. A segunda maneira tem o sentido adotado por Latour, para quem os híbridos formados por humanos e não humanos constituem as associações, os coletivos ou as redes.

[2] O repost é uma ferramenta que permite ao usuário da rede social Instagram repassar um conteúdo de sua comunidade, mantendo a autoria original de quem postou a mensagem.

[3] É o que te digo: com o meu blog, eu estava conectada com a página do meu trabalho comercial, então o blog era conhecido como Holinka Escudero. Depois, isso não me dizia nada, era como eu, não era isso. Depois era, o que significa joalheria contemporânea? Tampouco me confirmava, e, depois de muito tempo, surgiu o título de The jewellery activist. Chegou o momento que me perguntei: O que estou fazendo? O dia todo, todos os dias, estou atrás de monitor, vendo joalheria. Então, me dei conta de que a maneira com a qual me desenvolvia era a de uma ativista. Não um ativismo heroico, mas a joalheria é a minha causa e a minha convicção" (tradução nossa).

[4] Disponível em: <http://simposioenconstruccion.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

5 Daniela Rivera, Guadalajara (1985): fez licenciatura em Desenho Industrial, ITESM (campus Guadalajara, 2003-2008) e tem formação em Joalheria Contemporânea pela Escola d'Art i Superior de Disseny de València (EASD Valencia, España, 2008-2010).

[6] Ver On using ANT for studying information systems: a (somewhat) socratic dialogue. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/90-ANT-DIALOG-LSE-GB.pdf>.

[7] "No fim do meu curso universitário, tive um professor em toda extensão da palavra; designer industrial de profissão com uma grande trajetória: design têxtil, automotivo, trabalhou em joalheria com Gijs Bakker e TANE" (tradução nossa).

[8] "Anos atrás, eu me inscrevi em um curso básico de joalheria na Unam por pura curiosidade. Ao conhecer as possibilidades que a joalheria oferecia, participei de oficinas e cursos e contratei um joalheiro espanhol para me ensinar as técnicas básicas de joalheria em meu ateliê. Depois, assisti o simpósio Gray Area e foi quando eu soube da existência dessa outra área maravilhosa que oferece a joalheria contemporânea. Desde então, não deixei de buscar, em oficinas e exposições, entender a linguagem da joalheria contemporânea. Pouco a pouco, fui me afastando da produção em série, tratando de fazer sentido pelas minhas peças" (tradução nossa).

[9] "Tudo começou no início do simpósio Gray Area, que eu não pude ir, pois ainda estava me encaminhando, dando conta de que eu gostava da joalheria. Nesse simpósio, reuniram-se muitos joalheiros mexicanos, designers, artesãos, empresários. Como o tema era a joia, eles se entusiasmaram muito, se deram conta de que isso existia, gostaram, se entusiasmaram e se uniram. No início, éramos mais de 20 pessoas. [...] bom, já estavam reunidos e eu fui um dos últimos a chegar ali. Trabalhamos em torno de dois anos, quase. O que ocorreu é que éramos muitos e se tornava muito complexo organizar os trabalhos e, no fim, quem organizava o trampo, era os que estavam entusiasmados com o tema. [...] No fim, houve uma espécie de depuração, uma seleção natural de quem resistia. Depois desses anos, éramos em torno de 13, até que nos demos conta, o grupo atual, que estávamos fazendo o trampo e o que nos interessava era o contemporâneo, não nos interessava nos colocar em bazares, vender comercialmente, senão nos aproximarmos da arte" (tradução nossa).

[10] "Vamos completar três anos com o coletivo. Faz cinco anos que o simpósio Gray Area veio para mudar conceitos e bagunçar muitas cabeças. A partir disso, nos demos conta que no mundo todo estava acontecendo alguma coisa e conosco não acontecia nada. Ou seja, não havia uma associação, não nos conhecíamos todos. Então, a partir disso, fizemos uma lista de pessoas interessadas e se formou um grupo enorme, e cada vez entrava mais gente, mas estávamos com os objetivos confusos, foi difícil. Pouco a pouco as pessoas foram desertando. Até que ficamos os seis. E, em 2012, fomos ao simpósio En Construcción, na Argentina. Aí, outra vez, conhecemos coisas que mudaram a nossa mente e nasceu o "Sin Título" (tradução nossa).

[11] A diferença aqui adotada entre joalheiro e ourives é que o primeiro executa os projetos que ele próprio cria, enquanto o ourives confecciona peças sob encomenda e criadas por outros.

[12] Os únicos laboratórios de joalheria que tenho conhecimento são o da Universidade Federal do Cariri, na qual sou professora, e o do curso de Design da Universidad Nacional Autónoma Mexicana (Unam).

[13] "A tênue linha entre as disciplinas criativas se apagam mais a cada dia" (tradução nossa).

[14] "A definição que tenho tem a ver com a educação que recebi como designer. Logo que penso em design, vou para soluções que englobam tanto a estética do objeto quanto um objetivo, sua produção, sua função, sua ergonomia. Vou por parâmetros mensuráveis da peça, comportando-a em quantidades diferentes, dependendo de como você projeta, mas busco a produção que seja factível de fazer mais de uma vez, ou busco ter soluções que beneficie o momento de produzir a peça, ou ter modificações que beneficie o momento de portar a peça, e sempre com uma intenção estética. Ou seja, para quem vai ser feita essa peça, quem vai ser o usuário ou quanto vai ter que pesar para custar tanto. Como já tenho todos os parâmetros relacionados às coisas que tenho que solucionar na peça que vou propor, quando considero uma peça de joalheria mais posicionada como arte, penso que ela vai ser única, não digo que vai ser assim, mas quase por default, penso que vai ser uma. Não me preocupo muito com a comodidade ou com a praticidade da produção, desde que sempre que o resultado que eu obtenha seja o escolhido. Ou seja, apesar do processo que realizo ser tedioso, cansativo, caro, lento, ou o que seja, se obtiver o resultado que quero, o faço. Coisa que, como designer, não considerei muitas vezes, a maior importância é a intenção. No design, tenho a intenção de resolver certos problemas ou de propor certas inovações, e, na arte, tenho a intenção prioritária de comunicar inquietudes próprias. Muitas vezes, no design, sei que não estou projetando uma peça para mim, sei que provavelmente é para uma senhora de 60 anos, com muito dinheiro, ou para uma menina de 15 anos, que não se importa com a qualidade do material, não sei, coisas assim. E, em arte, penso o que quero, penso em mim. Em arte, a peça tem que responder às minhas necessidades de expressão, em design, às necessidades do usuário" (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

CANCLINI, N. G. Introducción. De la cultura postindustrial a las estratégias de los jóvenes. In: CANCLINI, N. G. et. al. (Orgs). **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Barcelona: Ed. Ariel, 2012 y Madrid: Fundación Telefónica, 2012.

ESCUDERO, Holinka. **Sin Título. Cidade do México, La Chiclera, 2014**. Disponível em: <http://holinkaescudero.com/blog/. Acesso em: 19 de nov. 2014>.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator rede. Salvador: Edufba, 2012.

___________. **A dialog on actor network theory**. Paris: Bruno Latour, 2004. Disponível em: <http://www.brunolatour>. Acesso em: 22 de out. 2014.

MURRAY, Kevin. **Keeping the faith with contemporary jewelry**: the rise of the collective in Mexico, Taiwan, and Beyond. São Francisco: Art Jewelry Forum, 2014. Disponível em: <http://www.artjewelryforum.org>. Acesso em: 30 nov. 2014.

VIDELA, Ana. N. B. **Joalheria, arte ou design?** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Design. Recife, 2016.